

❁ DIÁRIO DA REVOLTA

“O povo não é carneiro. De vez em quando, é bom a negrada saber morrer como homem.
Tem que mostrar ao governo que ele não põe o pé no pescoço do povo.”

A Tribuna

10 DE NOVEMBRO

A polícia, que recebera ordens de proibir reuniões públicas, tenta prender um grupo de estudantes que pregava resistência à vacinação. A população reage com pedradas e é espancada. Ocorrem as primeiras prisões.



“Guerra Vacino Obrigateza.”
O Malho, outubro de 1904.
Autor: Leônidas.
Acervo Casa de Oswaldo Cruz.

11 DE NOVEMBRO

A população acorre em massa para o Largo de São Francisco, onde estava previsto um comício da Liga contra a Vacinação Obrigatória. Forças policiais e militares ocupam o local. O confronto é inevitável. A cavalaria investe contra a multidão, de sabre em punho, ferindo pessoas e obrigando o fechamento do comércio. O tumulto se generaliza e atinge outras áreas do centro.

12 DE NOVEMBRO

Cerca de 4 mil pessoas comparecem à sede da Liga. Vicente de Souza, Lauro Sodré e Barbosa Lima discursam, conclamando o povo à resistência, mas aconselhando prudência. A multidão sai em passeata em direção ao Catete, fortemente guardado. Rodrigues Alves convoca os militares para intervir na rebelião.

13 DE NOVEMBRO

O conflito generaliza-se e assume um caráter mais violento. A multidão luta a Praça Tiradentes e não atende à ordem de dispersar. A cavalaria investe e o local se torna uma praça de guerra. Tiros partem dos dois lados. A luta se espalha pelas ruas adjacentes. Pessoas caem mortas e feridas. A população incendeia bondes, quebra combustores da iluminação e vitrines de lojas. O centro da cidade enche-se de barricadas. Prostitutas da Rua São Jorge entram em choque com a polícia. O povo ataca delegacias e o quartel da Cavalaria na Frei Caneca. Os distúrbios se espalham e chegam à Tijuca, Gamboa, Saúde, Botafogo, Laranjeiras, Catumbi, Rio Comprido e Engenho Novo.



“Vacina Obrigatória.” *Correio do Brasil*, outubro de 1904.
Autor: Leônidas. Acervo Casa de Oswaldo Cruz.

Ah! está do que o governo tem tanto medo.

Atitude de um espurgado munido do competente *habeas-corpus*

❁ DOMINGO SANGRENTO

14 DE NOVEMBRO

Os choques começam na madrugada, concentrando-se principalmente no distrito do Sacramento (proximidades da Praça Tiradentes) e na Saúde. As barricadas do centro da cidade, reforçadas por carroças da limpeza pública, resistem às investidas. A polícia ataca e é rechaçada à bala. A população incendeia e quebra bondes, ataca a barca de Petrópolis e assalta lojas de armas.

Na Saúde, cerca de 2 mil manifestantes entrincheiram-se na Praça da Harmonia. Revoltosos investem contra duas delegacias. O tiroteio estende-se por todo o dia. O povo ataca uma fábrica de velas em São Cristóvão, o Moinho Inglês na Gamboa e os gasômetros do Mangue, Vila Isabel e Botafogo.

Oficiais dissidentes reúnem-se no Clube Militar com as lideranças da Liga. À saída, Vicente de Souza é preso. À noite, o major Gomes de Castro e o empresário monarquista Pinto de Andrade são detidos ao tentar sublevar a Escola Preparatória e Tática do Realengo. O general Travassos, o senador Lauro Sodré e os deputados Barbosa Lima e Alfredo Varela levantam a Escola Militar da Praia Vermelha.

Cerca de 300 cadetes saem da Escola em direção ao Palácio do Governo para depor o presidente. No caminho, recebem a adesão de um esquadrão da Cavalaria e uma companhia de Infantaria. Na Rua da Passagem, encontram-se com as tropas governamentais. Segue-se um intenso tiroteio. O general Travassos sofre ferimentos graves e morre dias depois. Lauro Sodré também é atingido. A debandada é geral. Os cadetes retornam à Praia Vermelha. O governo tivera 32 baixas, nenhuma fatal. Os rebeldes, três mortos e sete feridos.



*Na noite de 14: O Malho, novembro de 1904. Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa.



Grupo de cadetes da Escola Militar em 1904. Acervo particular.



❁ O PRATA PRETA



15 DE NOVEMBRO

Três couraçados e dois cruzadores postam-se à frente da Escola da Praia Vermelha. O *Deodoro* dispara contra a laje da Urca. Os cadetes depõem as armas. Estava debelado o levante militar.

O conflito continua. Os maiores focos ainda são o Sacramento e a Saúde. As trincheiras resistem. Persistem os ataques às delegacias policiais, ao gasômetro, às lojas de armas. Cerca de 600 operários têxteis de três fábricas do Jardim Botânico investem contra seus locais de trabalho e contra uma delegacia e formam barricadas. Estivadores e fogueiros percorrem empresas de navegação, intimando-as a suspender os serviços. Os choques se estendem ao Méier, Engenho de Dentro, Encantado, Catumbi, São Diogo, Vila Isabel, Andaraí, Aldeia Campista, Matadouro e Laranjeiras.

Na Saúde, chamada pelos jornais de *Porto Arthur*, em referência à resistência daquela fortaleza durante a guerra russo-japonesa, destaca-se a figura de Horácio José da Silva, o Prata Preta, comandando as barricadas. Jornalistas visitam as trincheiras na praia, na Rua da Harmonia e no Morro do Livramento e descrevem a "multidão sinistra, de homens descalços, em mangas de camisa, de armas ao ombro uns, de garruchas e navalhas à mostra".

Chegam os batalhões de Minas e São Paulo. A polícia pede à Marinha que ataque os rebeldes da Saúde pelo mar. Famílias começam a fugir com medo do bombardeio.



"Relíquias de Porto Arthur"
O Malho, dezembro de 1904.
Acervo Casa de Oswaldo Cruz.

"O Porto Arthur da Saúde"
O Malho, novembro de 1904.
Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa.

❁ ESTADO DE SÍTIO

16 DE NOVEMBRO

É decretado o estado de sítio. No Sacramento continuam os choques entre a população e a polícia, mas com menor intensidade. No Jardim Botânico, os rebeldes assaltam bondes e tomam a delegacia. A fábrica de tecidos Confiança, em Vila Isabel, é atacada.

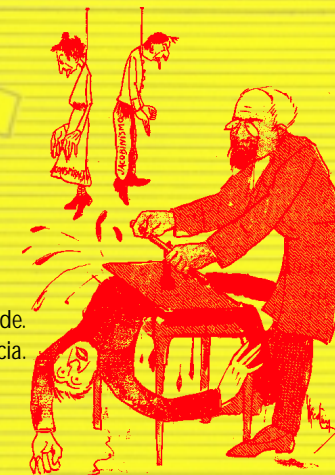
As atenções voltam-se para a Saúde. A polícia prepara uma emboscada e prende Prata Preta. Este oferece feroz resistência, matando um soldado e ferindo gravemente dois agentes, e é brutalmente espancado.

O *Deodoro* toma posição em frente ao Mercado Velho. Tropas do Exército e da Marinha invadem a Saúde e encontram as trincheiras abandonadas. "Nem um tiro, um único tiro, foi empregado no ataque e na ocupação do famoso reduto. À última hora, verificou-se que a fortaleza, suas trincheiras (...) não passavam de uma formidável blague", conta o repórter de *A Notícia*.

O governo revoga a obrigatoriedade da vacinação contra a varíola.

O DIA SEGUINTE

O governo retoma o controle da cidade, que está em ruínas. Em todos os lugares, há marcas da revolta. Os delegados de polícia começam a varrer as ruas, realizando prisões em massa. Acontecem alguns incidentes esparsos: um tiroteio numa pedreira do Catete no dia 18, ataque a uma fábrica e alguns quebra-quebras no dia 19. O Apostolado Positivista e algumas entidades classistas, como a Sociedade União Operária dos Estivadores, procuram os jornais, negando qualquer associação com a rebelião.



1. Estado Maior do Exército - Praça da República
2. E.F.C.B. - Praça da República
3. Casa da Moeda - Praça da República, 101
4. Corpo de Bombeiros - Praça da República
5. Quartel do Regimento de Cavalaria - Rua Frei Caneca
6. 4ª Delegacia Urbana
7. Secretaria de Justiça e Negócios Interiores - Pça. Tiadentes, 66
8. Centro das Classes Operárias
9. Tesouro - Av. Passos
10. Estação Marítima - Gambôa
11. Estação de Bombeiros - Saúde
12. Porto Arthur
13. Moimho Inglês
14. Estação de Barcas (Petrópolis) - Praia
15. Delegacia de Polícia - Praça 15
16. Delegacia de Polícia - Rua Evereto da Veiga
17. Gasômetro - Campo de Marte

Acima: "Na prensa nacional".
A Avenida, dezembro de 1904.
Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa.

*Dois emblemas: *O Malho*, novembro de 1904.
Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa.

*Dois emblemas: *O Malho*, novembro de 1904.
Acervo Casa de Oswaldo Cruz.

Baseado em mapa original da Prefeitura do Distrito Federal, 1904

❁ A CAMINHO DO ACRE

“Um progresso! Até agora se fazia isto sem ser preciso estado de sítio; o Brasil já estava habituado a essa história. (...) Creio que se modificará o nome: estado de sítio passará a ser estado de fazenda. De sítio para fazenda, há sempre um aumento, pelo menos no número de escravos.”

Lima Barreto

TRINTA MORTOS, 110 feridos hospitalizados, 945 presos, sendo 461 deportados – este foi o saldo da Revolta.

Os cadetes foram embarcados para o Rio Grande do Sul e distribuídos pelos postos da fronteira. Ao fim do ano, foram excluídos do Exército e a Escola da Praia Vermelha foi desativada. Das lideranças civis, só quatro foram processadas: Vicente de Souza, Alfredo Varela, Pinto de Andrade e Artur Rodrigues.

Mas foi sobre a população pobre que a repressão se exerceu de forma brutal. A polícia aproveitou a oportunidade para limpar a cidade, prendendo pessoas a torto e a direito pelas ruas. Bastava ser maltrapilho ou não ter residência e emprego fixo. Seu destino era cruel: enviadas à Ilha das Cobras, espancadas, amontoadas em navios-prisão e, sem as mínimas condições de higiene e alimentação, deportadas para o Acre, a fim de trabalhar nos seringais. Muitos não resistiram à viagem. Em 2 de setembro de 1905, todos os participantes da Revolta foram anistiados. Os cadetes retornaram às fileiras militares. Já os deportados para o Acre... Estes, como disse Euclides da Cunha, “levavam a dolorosíssima missão de desaparecerem”.

NOS DOIS PRIMEIROS MESES DE 1907, somente duas pessoas morreram do mal amarelo no Rio de Janeiro. Em março, Oswaldo Cruz informava ao governo: “A febre amarela já não devasta, sob a forma epidêmica, a capital da República”. O sucesso de suas campanhas sanitárias começava a virar a opinião pública a seu favor. Mas sua consagração só veio com o reconhecimento internacional. Em 1907, o XIV Congresso de Higiene e Demografia de Berlim concedeu a Oswaldo Cruz e ao Instituto de Manguinhos a medalha de ouro pelas campanhas de saneamento do Rio. O cientista virava herói nacional. Em 1908, nova epidemia de varíola devastou o Rio de Janeiro, matando mais de 6 mil pessoas. A população acorreu em massa para os postos de vacinação...

“Nenhuma vitória mais bela registra a nossa história, porque nenhuma jamais foi tão humana nas suas conseqüências, nem mais brilhante na demonstração da nossa energia e capacidade científica.”

Lauro Muller



Medalha de ouro recebida por Oswaldo Cruz no XIV Congresso de Higiene e Demografia, em Berlim, 1907. Acervo Casa de Oswaldo Cruz.

“Colera de Bexiga.”
O Degas outubro de 1908.
Autor: Calixto.
Acervo Casa de Oswaldo Cruz.

